

PREFÁCIO

Este livro publica, na íntegra, o texto principal da dissertação entregue por Fernando Peixoto para prestação de provas de doutoramento em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Infelizmente, o seu autor já não pôde cumprir a defesa pública da sua dissertação, a última etapa dessa prova académica em que tanto se empenhou, desenvolvendo, durante uma boa dúzia de anos, um apurado estudo sobre a história do Instituto do Vinho do Porto.

Acompanhei, ao longo desse período, como orientador, como colega de investigação e como amigo, as reflexões, as dúvidas e os desafios que o Fernando colocava, sistematicamente, a si próprio, como investigador exigente que era, sempre insatisfeito com os resultados que conseguia, por mais significativos que fossem. Foram inúmeras e frutuosas as discussões que tivemos em torno das questões científicas que ele ia multiplicando, à medida que avançava na sua pesquisa. De início, até 2002, tivemos ainda a sorte de partilhar da amizade e da tão estimulante companhia do mestre e amigo comum François Guichard, o geógrafo de Bordéus que dedicou parte da sua carreira ao estudo do vinho do Porto e que trazia aos nossos encontros um olhar sempre diferente, não só por ser um olhar exterior, quer pela sua formação disciplinar quer pela sua origem, mas sobretudo pela força, criatividade e solidez da sua argumentação. De cada vez que nos encontrávamos, surgiam novas pistas de pesquisa, novas orientações de leituras a fazer, novos caminhos a seguir. A temática prestava-se a essas deambulações. Desde as questões relacionadas com a produção, nos mais diversos aspectos, os solos, as castas, as diferenças regionais, as técnicas vitivinícolas, a organização das vinhas, a vida dos trabalhadores e as relações de trabalho, a mecanização ou a pluriactividade, até às questões ligadas ao comércio e à evolução dos mercados dos vinhos, as conjunturas e a concorrência, os gostos e a imagem dos vinhos, passando pelas questões institucionais, de regulação, controlo e certificação das denominações de origem. Desde 1994, altura em que criámos o Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto, que eu e o Fernando integrávamos e de que o François era um assíduo «compagnon de route», encontrávamo-nos, a cada passo, em congressos e outras reuniões científicas, em Portugal ou no estrangeiro. Inesperadamente, em 2002, perdemos a companhia do François Guichard, precocemente falecido. Com a perda do co-orientador, e também porque o tempo e o enorme volume de trabalho já realizado aconselhavam que o Fernando terminasse a tese, iniciou-se uma nova fase. Começaram a surgir resultados significativos, mas também novas inquietações, períodos mais ou menos longos de pausas, que traduziam os problemas de saúde do Fernando. A doença espreitava, a cada passo, mas não conseguia quebrar a sua notável persistência e a vontade de procurar mais informação, levantar novas questões, ir mais longe. Eu insistia para que ele entregasse, quanto antes, a sua dissertação, duvidando, interiormente, desse lado mais pragmático da minha orientação. Já perto do final da sua vida, o Fernando reuniu as forças que lhe restavam, para escrever o texto final da tese, com a mesma insatisfação de sempre. Tinha de ser. Em Junho de 2008, entregou, finalmente, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a sua disser-

tação de doutoramento e requereu as respectivas provas. De acordo com os procedimentos normais, o júri nomeado (constituído pela Professora Doutora Conceição Andrade Martins, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pelo Professor Doutor Fernando Bianchi de Aguiar, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, pelos Professores Doutores Jorge Fernandes Alves e Manuel Loff, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e por mim, como orientador) reuniu, em 30 de Julho de 2008, deliberando, por unanimidade, a aceitação da tese e a marcação das respectivas provas para 23 de Setembro de 2008. A situação de doença grave que, entretanto, conduziu ao internamento do Fernando Peixoto impossibilitou que as suas provas de doutoramento se efectivassem na data marcada, tendo ficado adiadas para data a anunciar, quando o candidato dispusesse das condições físicas necessárias para a sua realização. Sabíamos que o Fernando lutava contra a morte, mas não esperávamos um desfecho tão rápido da doença. O falecimento de Fernando Peixoto, no dia 3 de Outubro de 2008, foi sentido com uma enorme consternação por todos os que o conheceram. Ao nível académico, a não concretização das provas de defesa da sua tese de doutoramento suscitou dúvidas face aos procedimentos a seguir. Que fazer com o vasto trabalho de investigação em que ele se empenhara, ao longo de tantos anos, e que, de acordo com o parecer de todos os membros do júri, reunia todas as condições para uma aprovação consensual? Arquivar a tese como assunto encerrado, porque o seu autor tinha falecido, parecia-nos uma solução brutal e inaceitável. Além da injustiça da sua morte precoce, aos 61 anos, o Fernando seria vítima de outra injustiça, a do não reconhecimento académico do seu longo trabalho de investigação. Se a primeira não tem reparação na lei da vida, acreditávamos que a segunda pudesse ser reparada pelas autoridades universitárias, em memória do investigador incansável. Seria, de resto, um gesto de solidariedade para com os seus familiares mais próximos. Porém, erradamente, a legislação académica não contempla a concessão do grau de doutor, a título póstumo, mesmo com o parecer unânime de todos os membros do júri. Por isso, esta publicação da tese de Fernando Peixoto surge como o testemunho possível de reconhecimento e homenagem ao seu autor.

O Fernando Peixoto não gostava de enveredar pelos caminhos mais fáceis. Na investigação, como na vida, prezava, acima de tudo, a liberdade. Por isso, se embrenhava, a cada passo, em reflexões que o distanciavam, aparentemente, dos objectivos de pesquisa e que traziam novos desenvolvimentos às problemáticas de partida. Homem do teatro e da poesia, em envolvimento cívico constante, trouxe para a investigação histórica essa forma irrequieta e inconformista de estar na vida. Percebe-se essa atitude quando se percorre a sua tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea – *Diogo Cassels: uma vida em duas margens* –, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1995. E o mesmo estilo marcou o trabalho que aqui se publica. Inicialmente, o projecto de tese de doutoramento, por proposta do então presidente do Instituto do Vinho do Porto, Professor Doutor Fernando Bianchi de Aguiar, que obteve a concordância do Fernando Peixoto e dos seus orientadores, apontava para a história do Instituto do Vinho do Porto, desde a sua

criação, em 1933, até à instituição da Comissão Interprofissional da Região Demarcada do Douro, em 1995. Mantendo esse objectivo central, expresso no título da tese – *Do corporativismo ao modelo interprofissional: o Instituto do Vinho do Porto e o sector do vinho do Porto (1933-1995)* –, Fernando Peixoto ultrapassou, largamente, os meandros da história institucional, em torno das formas organizacionais e de funcionamento do modelo de regulação do sector do vinho do Porto, avançando para a análise dos contextos históricos que condicionaram a vida da instituição e as vicissitudes desse modelo corporativo, ao longo do Estado Novo, permitindo perceber as razões da sua persistência no período democrático e as dificuldades de transição para o modelo de regulação interprofissional. Nessa perspectiva, acabou por abordar um amplo conjunto de problemáticas económicas, sociais e políticas que, directa ou indirectamente, influíram na evolução do sector do vinho do Porto ao longo do século XX. Por outro lado, não deixou de se interessar pelos antecedentes históricos de regulação deste sector, desde a velha Companhia pombalina até à Comissão de Viticultura do Douro.

A tese de Fernando Peixoto integra-se, além disso, no vasto movimento de investigação que, lançado pelo GEHVID (Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto), sediado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, desde 1994, apoiou a renovação e o desenvolvimento do conhecimento histórico sobre o vinho do Porto e a sua região de origem. Esse movimento coincidiu com um intenso intercâmbio científico com investigadores e centros de investigação de diversas regiões vitícolas da Europa e de outros continentes, de que resultou, em 1999, a criação da Associação Internacional de História e Civilização da Vinha e do Vinho, depois transformada em Rede Internacional de Historiadores da Vitivinicultura. Fernando Peixoto participou, activamente, em diversas iniciativas e projectos tanto do GEHVID como da Associação Internacional, deixando-nos dezenas de trabalhos publicados (em livros, capítulos de livros e artigos) e numerosas comunicações em encontros científicos, no país e no estrangeiro. Mais recentemente, em 2007, terminado o projecto do GEHVID, passou a integrar o CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», sediado também na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Os trabalhos de Fernando Peixoto, especialmente a sua tese de doutoramento que agora se publica, fornecem um inestimável contributo para a história contemporânea do vinho do Porto, cuja importância nacional e internacional é reconhecida, mas que merece ser destacada e depurada de interpretações simplistas ou encomiásticas, com base em trabalhos sérios, solidamente ancorados na vasta documentação existente.

Esse legado que o Fernando nos deixou e que representa uma boa parte da sua vida ficará para sempre, a lembrar-nos o carácter transitório da existência e, simultaneamente, a força da memória. Afinal, o investigador, como outro homem qualquer, só sobrevive no que partilha e transmite de si, como elo dessa cadeia eterna em que se contrabalança a natureza e a cultura. O Fernando sabia disso. Que a vida, tal como a investigação, é, na sua

essência, esse gesto de partilha. Na submissão inexorável às regras do tempo. Que a memória só perdura nas criações do passado. O amigo que perdemos gostaria de ser recordado assim. Através do fruto do seu trabalho. Lá, no Olimpo onde estiver, há-de acolher, com um sorriso rasgado, o abraço fraterno que lhe enviamos. Até sempre, Fernando!

Gaspar Martins Pereira
(FLUP-DHEPI/CITCEM)